TOMADAS DE DECISÃO NO NEOLIBERALISMO: UMA ANÁLISE FÍLMICA DE "QUE HORAS ELA VOLTA?"

RESUMO

O presente artigo se propõe a realizar uma análise fílmica de "Que Horas Ela Volta?" (2015), filme brasileiro dirigido por Anna Muylaert, usando a lente da teoria da tomada de decisão, com um enfoque nas críticas ao contexto neoliberal. Partindo do arcabouço teórico que articula o discurso capitalista às dramáticas do uso de si (conceito da Ergologia), o estudo busca investigar como o processo de tomada de decisões das personagens da obra, mais especificamente a empregada doméstica Val e sua filha Jéssica, são moldadas pela normatividade do regime neoliberal e, posteriormente, tomam atitudes a fim de se reinventar, sendo símbolos de resistência e uso de si a todo o contexto que sempre viveram. O filme ilustra uma encruzilhada, na qual a exigência de performance todo o tempo juntamente à auto-responsabilidade do discurso capitalista colidem com a mobilização singular do *corpo-si* diante do trabalho precário, culminando em uma decisão que rompe com o laço social de subalternidade.

Palavras-chave: Neoliberalismo; Discurso Capitalista; Uso de Si; Análise Fílmica.

ABSTRACT

This article aims to carry out a film analysis of "The Second Mother?" (2015), Brazilian film directed by Anna Muylaert, using the lens of decision-making theory, with a focus on criticism of the neoliberal context. Starting from the theoretical framework that articulates the capitalist discourse with the dramatic use of the self (concept of Ergology), the study seeks to investigate how the decisions of the characters in the work, more specifically the domestic worker Val and her daughter Jéssica, are shaped by the normativity of the neoliberal regime and, subsequently, take actions in order to reinvent themselves, being symbols of resistance to the entire context in which they have always lived. The film illustrates a crossroads, in which the demand for performance at all times together with the self-responsibility of capitalist discourse collide with the singular mobilization of the body-self in the face of precarious work, culminating in a decision that breaks the social bond of subalternity.

Keywords: Neoliberalism; Capitalist Discourse; Use of Self; Film Analysis.

1. Introdução

O mundo contemporâneo é marcado pela hegemonia do neoliberalismo, um regime que transcende a esfera econômica para se estabelecer como uma matriz de governamentalidade, moldando inclusive a subjetividade das pessoas. É justamente nesse cenário em que a tomada de decisão deixa de ser um ato pontual de escolha, passando a se tornar um imperativo ético e performático, ou seja, um reflexo da exigência de que o indivíduo se constitua como um "empresário de si". Heurística da representatividade, que ocorre quando o julgamento da probabilidade é baseado em quanto algo se assemelha a um "estereótipo" ou protótipo já existente (Kahneman, 2011). Sendo assim, o sujeito é constantemente convocado a decidir sobre sua carreira, seus afetos e, principalmente, sobre o modo como mobiliza a si mesmo em sua atividade, remetendo a conceitos da Ergologia. (Schwartz, 2000).

O problema central desta investigação reside na complexa dialética entre a normatividade imposta por esse regime, que força o indivíduo a se comportar como uma empresa (Dardot, 2016) e a dramática singular vinda da atividade humana. Ou seja, como as decisões do sujeito são constrangidas e, ao mesmo tempo, inventadas? Tudo isso perpassando tanto as exigências de um sistema voltado ao capital junto à mobilização da própria história e corpo do indivíduo.

A fim de abordar tal questão, este artigo busca uma articulação teórica entre dois campos distintos do saber: a Psicanálise de orientação lacaniana e a Ergologia de Yves Schwartz, aproveitando da aproximação proposta por Admardo Bonifácio Gomes Júnior (2014) em sua tese. Assim, iremos focar na convergência entre tais proposições teóricas, principalmente na relação entre sujeito, trabalho e laço social.

A Psicanálise, sob a ótica da Lacan (1992), oferece o arcabouço para a crítica do laço social contemporâneo por meio do conceito de discurso capitalista que, ao rechaçar a castração e focar no imperativo do gozo, acaba por estabelecer a normatividade ideológica que rege as decisões dos indivíduos. A partir de tal ideia, autores como Laurent (2007), Soler (1998) e Safatle (2021) estabelecem discussões que podem nos auxiliar a refletir acerca dessa estrutura, bem como as consequências subjetivas desta normatividade.

Paralelamente, conceitos da Ergologia, com ênfase na atividade e nos *usos de si* (Schwartz, 2011; Schwartz & Durrive, 2007), nos permitem capturar a dimensão concreta e inventiva da dramática decisória. O *uso de si* busca formas do ser humano mobilizar sua inteligência, história e saúde, a fim de gerir as variabilidades do trabalho real, e não levar ao adoecimento do indivíduo. De tal forma, as normas prescritas do trabalho acabam sendo confrontadas com as normas de vida. Quando um sujeito se aproxima muito do trabalho prescrito, que é a dimensão das normas antecedentes, do acúmulo de cultura, história e regras morais, sem colocar o seu "modo de fazer", acaba gerando sofrimento.

Sendo assim, a tomada de decisão no neoliberalismo traz tensões ao sujeito, visto que há uma exigência de performance que vai de encontro às dramáticas do uso de si. Isso resulta tanto em um processo de invenção (meios de fuga), como de conflito, o que pode ser uma motriz para patologias do social (Safatle, 2021) e/ou do sofrimento no trabalho (Leguil, 2012).

O filme "Que Horas Ela Volta?" oferece um microcosmo potente para análise dessa tensão. A narrativa se concentra na história de Val (Regina Casé), uma empregada doméstica nordestina que vive há anos em São Paulo dedicando-se integralmente à casa de seus patrões de classe média alta (Bárbara e Carlos) e à criação do filho deles (Fabinho). A chegada de sua filha Jéssica para prestar o vestibular em uma instituição pública, desestabiliza a ordem silenciosa da casa, expondo as barreiras de classe e as regras não ditas que regem a convivência.

O objetivo do presente artigo é demonstrar como as decisões de Val e, mais particularmente de Jéssica, ilustram a dramática do uso de si sob coerção, possibilidade de uma decisão ética que emerge da ruptura com a normatividade neoliberal, refletida também nas tomadas de decisão.

2. Referencial Teórico

A fim de analisarmos a obra fílmica "Que Horas Ela Volta", iremos adotar conceitos do Neoliberalismo, Psicanálise, Ergologia e Teoria da Decisão.

Conforme Dardot e Laval (2016), sobre o sistema neoliberal:

> a ação coletiva se tornou mais difícil, porque os indivíduos são submetidos a um regime de concorrência em todos os níveis. As formas de gestão na empresa, o desemprego e a precariedade, a dívida e a avaliação, são poderosas alavancas de concorrência interindividual e definem novos modos de subjetivação. A polarização entre os que desistem e os que são bem-sucedidos mina a solidariedade e a cidadania. Abstenção

> eleitoral, dessindicalização, racismo, tudo parece conduzir à destruição do coletivo e, por consequência, ao enfraquecimento da capacidade de agir contra o neoliberalismo. (p. 9)

Tendo isso em mente, percebe-se a ideia tão defendida de que cada um é responsável por seu sucesso, por meio do seu desempenho, o que acaba por aumentar a individualidade das pessoas. Na continuação de seu pensamento, Dardot e Laval (2016), defendem que:

> O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos. O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da "modernidade". Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa. (p. 16)

Ou seja, abre-se uma exigência do agir sobre o indivíduo, transvestida de liberdade do sujeito, mas que na verdade o aprisiona nesse modelo capitalista.

Vladimir Safatle (2021) reforça a discussão acerca da responsabilidade que recai sobre o indivíduo, defendendo que:

> Criticar a austeridade é assim colocar-se fora da possibilidade de ser reconhecido como sujeito moral autônomo e responsável. Da mesma forma, era moral a defesa de que os indivíduos deveriam parar de procurar "proteção" nos braços paternos do Estado-providência a fim de assumir a "responsabilidade" por suas próprias vidas, aprendendo assim a lidar com o mundo adulto de uma "sociedade de risco" (embora nunca tenha realmente ficado claro se os riscos afinal eram para todos). (s/n)

Com isso, podemos notar a noção do "empreendedor de si", em que a pessoa deve tomar conta de seus atos e seu próprio desempenho, principalmente no que tange à sua carreira profissional. A fim de contribuir para essas noções estabelecidas até o momento, iremos retomar discussões da Ergologia, cujo autor seminal é Yves Schwartz.

Schwartz (2011) nos lembra, partindo das visões de Adam Smith sobre a divisão do trabalho, que se trata "muito mais de relações hierárquicas e econômicas desiguais do que de tipos de atividades produtivas nitidamente distinguíveis" (p. 28). Sendo assim, apesar do discurso da divisão do trabalho se apoiar em critérios técnicos, não é o que se percebe na prática. Schwartz (2011) ainda nos aponta que:

> Uma atividade de trabalho é sempre o lugar, mais ou menos infinitesimalmente, de reapreciação, de julgamentos sobre os procedimentos, os quadros, os objetos do trabalho, e por aí não cessa de ligar um vaivém entre o micro do trabalho e o macro da vida social cristalizada, incorporada nessas normas. (p. 33)

O sujeito, retomando os conceitos da Ergologia, faz o *uso de si* no trabalho, colocando seu corpo naquela atividade e a *renormalizando*. Conforme Schwartz (2011),

> As 'renormalizações' são as múltiplas gestões de variabilidades, de furos das normas, de tessitura de redes humanas, de canais de transmissão que toda situação de trabalho requeira, sem, no entanto, jamais antecipar o que elas serão, na medida em que essas renormalizações são portadas por seres e grupos humanos sempre singulares, em situações de trabalho, elas mesmas, também sempre singulares. (p. 34)

Cabe ressaltar a importância do trabalho na vida de qualquer pessoa, principalmente daquelas que não têm amplas opções devido à ausência de estudos e que possuem grande responsabilidade com o sustento familiar. O trabalho pode reificá-lá, trazer dignidade conferindo ao sujeito meios de se manter na vida. Mas, também, o trabalho pode simplesmente replicar contextos sociais mais amplos, vindos de uma história de exploração, migração e desigualdades sócio-econômicas. Bartoli (1996) reforça a ideia de que "Viver não é suportar as provocações do ambiente, os assaltos do meio sobre sua liberdade, é 'se dimensionar com elas'." (p. 151)

No presente trabalho, discutimos sobre como o trabalho acomete o indivíduo, cabendo o questionamento se "essas 'dramáticas' entre normas antecedentes e renormalizações não estiveram sempre no âmago das situações passadas de trabalho e não é preciso tentar fazê-las reviver?" (Schwartz, 2011, P. 36). Ou seja, Schwartz (2011) nos convida a pensar sobre " O que é o trabalho, o quanto ele custa, em termos de atividade corporal, mental, social (...)" e acaba se tornando "cada vez mais um ponto cego da vida coletiva" (p. 41). Além disso, como o mal-estar, que para Freud é a própria civilização; o sofrimento, que pode advir do mal-estar ou não; o sintoma e a patologia psíquica estão imersos como elementos do capitalismo no neoliberalismo (Zuboff, 2020).

Imersos no contexto neoliberal capitalista, cabe discutirmos acerca das tomadas de decisão, porém superando as visões puramente normativas ou algorítmicas da escolha humana. Segundo Simon (1997), a Teoria da Decisão deve ser compreendida não apenas como um processo técnico de otimização, e sim como um campo de tensões onde a subjetividade, a cultura e as estruturas de poder se encontram.

Historicamente, o paradigma da escolha racional postulava um sujeito capaz de processar todas as informações disponíveis para maximizar sua utilidade de forma linear. No entanto, a ruptura proposta por Herbert Simon (1979) com o conceito de Racionalidade Limitada redirecionou o foco para as limitações cognitivas e ambientais do decisor. Simon argumenta que, diante da complexidade do mundo real e da incapacidade computacional do cérebro humano, os sujeitos não buscam a "escolha ótima", mas sim resultados "satisfatórios". Esta perspectiva é fundamental para a análise fílmica em questão, pois revela que as decisões das personagens não são falhas de lógica, mas sim adaptações possíveis dentro de contextos de escassez de recursos e excesso de pressões normativas.

Aprofundando essa crítica, a Economia Comportamental, proposta por Daniel Kahneman e Amos Tversky (2012), introduziu a distinção entre processos cognitivos duais: o Sistema 1 (rápido, intuitivo e emocional) e o Sistema 2 (lento, deliberativo e lógico). Através do estudo de heurísticas — atalhos mentais — e vieses cognitivos, os autores demonstraram que a decisão humana é sistematicamente influenciada por arquiteturas de escolha e enquadramentos. No cenário neoliberal, essas heurísticas são frequentemente capturadas pelo discurso da performance, no qual o indivíduo é induzido a decidir sob a égide da auto-responsabilização e da gestão de riscos constantes. O conceito da Teoria dos Prospectos (Kahneman & Tversky, 2012) nos ajuda a entender como a aversão à perda e o peso das expectativas moldam a permanência de Val em uma situação de subalternidade, em que o "risco" da ruptura é percebido como uma perda existencial devastadora.

Em uma perspectiva sociopolítica mais densa, a teoria da decisão encontra a crítica ao neoliberalismo de Dardot e Laval (2016). Aqui, a decisão deixa de ser um evento psicológico isolado, para se tornar uma tecnologia de governo, transformando escolhas éticas e existenciais em cálculos de capital humano. Como aponta Safatle (2021), a patologia do social emerge quando a exigência de decidir como um "empresário de si" colide com a impossibilidade real de controle sobre as variáveis sistêmicas, gerando o que a Ergologia denomina como a *dramática do uso de si*.

Portanto, analisar a decisão no filme "Que Horas Ela Volta?" sob essa lente teórica permite identificar o momento em que a personagem rompe com a "racionalidade satisfatória" imposta pelo seu lugar social para realizar um ato decisório que é, acima de tudo, uma *renormalização* ética. A decisão de Val, ao final da trama, não é um cálculo de utilidade, e sim uma ruptura com o enquadramento neoliberal que a mantinha na subalternidade, transformando o "uso de si" em um ato de emancipação.

Além disso, é possível exemplificar por meio do filme a hipótese do mundo justo, no qual um viés cognitivo apresenta como premissa a certeza de que as pessoas têm o que merecem, numa tentativa de culpar a vítima por seu destino. Os estudos avançados sobre esse viés indicaram evidências adicionais, tais como violência, assédio moral e pobreza, todos identificáveis no filme por meio da vida de Val ou de sua filha (Lerner, 1980).

Percebe-se que a personagem Val vivencia o viés de autoridade praticado pelos patrões, visto que é influenciada pela opinião e posição deles quanto ao seu lugar de direito, como se ela não pudesse transcender à realidade criada e imposta a ela enquanto empregada doméstica. Os patrões, por sua vez, utilizam de sua posição para exigirem de Val obediência e subordinação (Schwartz, 2000).

> A gestão do trabalho, ao prescrever normas e condutas, opera sobre o que chamamos de 'uso de si'. No serviço doméstico, essa exigência de obediência ultrapassa a tarefa técnica, transbordando para o 'uso de si por outrem', onde a subjetividade do trabalhador é convocada para servir aos desejos e ao status do empregador. Schwartz argumenta que todo trabalho é um debate de normas, mas na subordinação extrema, há uma tentativa de anular o uso de si por si em favor de uma conformidade absoluta ao meio. Assim, a subordinação manifesta-se como uma imposição de valores que restringe a capacidade do sujeito de renormalizar seu próprio agir, transformando a atividade em pura execução de ordens alheias. (p. 35).

Outro viés presente e claro no filme é o do estereótipo. Ao chegar na casa dos patrões de sua mãe, Jéssica passa pelo olhar e julgamento de dona Bárbara, que a repara por completo, seja pelas suas vestimentas ou mesmo por sua forma de agir, em um ato de estereótipo explícito. Por meio do estereótipo, indivíduos justificam preconceitos, deixam de repensar as próprias ações e tentam dificultar que grupos tenham acesso aos seus privilégios.

3. Análise Discursiva Fílmica

Mello *et al* (2009), citando Aumont e Marie (1988), expõe que um filme é uma obra de arte independente que pode basear análises textual; narratológica, por meio dos significados existentes em suas composições narrativas; icônica, pelos sons e imagens apresentados; e psicanalítica, em virtude da impressão do espectador. No que tange à atividade teórica do fenômeno cinematográfico, a análise fílmica e a teoria apresentam características em comum (Aumont & Marie, 1988): ambas começam a partir do filme, mas muitas vezes levam a uma reflexão mais ampla sobre o fenômeno cinematográfico; possuem uma relação ambígua com a estética, muitas vezes negada ou reprimida, mas aparente nesta escolha do objeto; e, finalmente, têm um lugar de destaque em instituições de ensino, especialmente universidades e institutos de pesquisa.

Destaca-se, de acordo com Aumont e Marie (1988), a não existência de uma metodologia de análise universal, mas sim a existência de numerosos e variados métodos, com aspectos parecidos. Pode até ser encontrado um ponto de análises singulares, mas os objetivos percebidos em cada filme são particulares, sendo este o fator de maior relevância.

Neste artigo, a abordagem metodológica é qualitativa, que, de acordo com Liebscher (1998), é utilizada para a compreensão do contexto social do fenômeno em estudo e, por isto, é

a mais adequada. Os instrumentos metodológicos empregados são pertencentes à Análise do Discurso, em particular à Teoria Semiolinguística, de Charaudeau (1983; 2001). O autor explica que o discurso não deve ser compreendido apenas como a expressão verbal da linguagem, pois essa se restringe a um conjunto de signos formais. O discurso extrapola esta limitação, já que engloba vários códigos semiológicos, para além apenas do verbal, tais como o gestual e o icônico, que é referente a imagem.

Segundo Charaudeau (1983; 2001), o termo discurso pode ser empregado em dois sentidos, podendo estar relacionado à encenação de uso da linguagem ou a um conjunto de saberes compartilhados. O primeiro envolve um fator externo, o psicossocial ou situacional; e o interno, que indica a organização do dizer. Já o segundo se relaciona aos saberes construídos pelos indivíduos de um grupo social, sendo que em maior parte de forma inconsciente.

Por se tratar de uma análise fílmica, é relevante destacar que os objetivos devem estar definidos e expostos. Neste trabalho, o propósito é discutir conceitos teóricos e identificá-los com o auxílio de um filme, a fim de apurar a reflexão e conceder exemplos mais palpáveis das discussões propostas. O filme brasileiro "Que Horas Ela Volta?", de 2015, é utilizado nas demarcações teóricas apresentadas. Destaca-se que mesmo a obra imagética não sendo um exemplo sólido e tangível das ideias dos autores referenciados, isso não limita sua exemplificação dos conceitos e sua aproximação ao mundo real, o que poderá ser realizado em outros estudos.

Dessa forma, o filme configura-se apenas como uma ilustração das teorias apresentadas e, para tanto, será realizada uma breve apresentação do filme, com destaque para as características que o relacionam ao referencial teórico.

4. A Normatividade Neoliberal no Filme

A família de patrões apresentada no filme (dona Bárbara, Carlos e Fabinho) encarna a subjetividade moldada pelo discurso capitalista. Assim, suas vidas são regidas pelo imperativo de performance e consumo, e a decisão é apresentada como um ato de liberdade irrestrita. No entanto, o que percebemos de fato é que o processo de tomada de decisão está condicionado a formas de manter o *status quo* de classe dominante, ao qual a família pertence.

O que percebemos é que o processo de tomada de decisão não é apenas um exercício de autonomia, mas um mecanismo de preservação do capital social e da cultura e comportamento de elite, funcionando como uma estratégia de "manutenção das condições objetivas de sua própria produção" (Bourdieu, 2011). A atitude de dona Bárbara é, portanto, justificada pela necessidade de reproduzir a estrutura de classes, desde que ela mantenha seu privilégio.

Quando dona Bárbara e o seu marido Carlos decidem empregar Val, acabam separando a mãe de sua filha Jéssica (que permanece no Nordeste), a fim de que ela pudesse se dedicar integralmente ao cuidado do filho deles, Fabinho. Com isso, podemos perceber a manifestação da normatividade neoliberal no âmbito doméstico, em que uma mãe abre mão da criação de sua própria filha para trabalhar e cuidar do filho de seus patrões e, assim, ter dinheiro para mantê-la (mesmo que à distância). Na lógica neoliberal, essa decisão é vista como um ato racional, no qual o *uso de si* da empregada Val é totalmente subsumido pela necessidade da família a quem ela presta seus serviços.

A racionalidade limitada manifesta-se quando o sujeito, diante da impossibilidade de processar todas as variáveis de sua existência, opta por uma solução possível. Para Val, a sobrevivência econômica de Jéssica no Nordeste é a satisfação que justifica o sacrifício do convívio, evidenciando o que Herbert Simon descreve em: "O tomador de decisões deve buscar satisfazer, não maximizar" (Simon, 1955).

O filme "Que Horas Ela Volta?" é muito rico para exemplificar essas dinâmicas há muito normalizadas pelo neoliberalismo. A personagem Bárbara faz questão de manter as

regras de separação dos espaços, onde o local dos funcionários é da cozinha "para lá", mantendo-se longe da sala e demais espaços da "família". Quando Val quebra, sem querer, uma peça de decoração de prata que enfeitava a sala de estar, a demonstração de medo e aflição é evidenciada. Esses comportamentos demonstram a extrema vigilância e controle estabelecidos pela patroa.

O pai da família, senhor Carlos, demonstra o abuso (inclusive sexual, o que remete ao viés cognitivo) nas relações entre patrão e empregada. Ele tenta seduzir a filha de Val oferecendo-lhe presentes, sorvete *premium*, e propondo inclusive que ela se case com ele. Assim, podemos perceber a ilusão de liberdade de escolha que há estabelecida nessa relação, além de dissimulação e coerção estrutural por parte de Carlos. Por meio destas cenas, podemos perceber como o discurso, segundo Lacan (1992), emoldura as relações que se estabelecem por meio da linguagem, e como o significado pode permanecer oculto, só emergindo na cadeia do significante. Ademais, o gozo é o privilégio de um lugar.

O filho do casal de patrões, Fabinho, foi criado desde cedo por Val e por isso possui um afeto ambíguo pela empregada e uma clara dependência emocional dela. Nota-se que há uma proximidade maior dele com Val do que com a própria mãe. De tal modo, a forclusão do sintoma (a falta de afeto materno) é preenchida pelo *gozo* da empregada.

A decisão de Val de aceitar toda essa condição estabelecida pela família de seus patrões e se tornar a "segunda mãe" de Fabinho, adiando a maternidade de sua própria filha, é um ato de responsabilidade coercitiva que ela mesma lhe infringiu, exigido pelo capitalismo. Com isso, pode-se inferir que Val internaliza a falha da ausência na vida de sua filha como um custo necessário para exercer a performance de prover um futuro melhor para sua própria família.

Ao focarmos no espaço, a casa dos patrões de Val é um dispositivo de controle que materializa a normatividade. O quartinho de empregada (que é menor que quaisquer dos demais quartos da casa, inclusive o de hóspede), a cozinha como espaço de trabalho exclusivo, e a proibição dos funcionários de usar a piscina e de tomarem sorvete *premium* são as normas prescritas que definem o campo de decisão de Val. Sua rotina é composta de micro-decisões diárias com a finalidade de se manter invisível e sempre disponível, mobilizando seu *corpo-si* para gerir as variabilidades do trabalho real sem transgredir a ordem social. Nesse caso, qualquer falha é imputada à sua incapacidade de "usar a si" de forma eficiente. Ou seja, Val, ao longo dos anos, "decide" ser eficiente, patologizando sua própria história e afetos para se encaixar na lógica do capital doméstico. É o espaço onde ela se sente útil e ao alcance de ajudar a família, enviando dinheiro.

A chegada de Jéssica, filha de Val, funciona como o sintoma que o discurso capitalista da casa tentava apagar. Jéssica, com sua postura crítica e inteligente, se recusa a aceitar as normas prescritas do trabalho e da casa, forçando as dramáticas do uso de si de Val virem à tona.

Jéssica não internaliza a normatividade vinda do trabalho de sua mãe. Isso confere às decisões de Jéssica serem interpretadas como atos de invenção e transgressão que confrontam as normas preestabelecidas na casa de dona Bárbara, por possuir normas de vida, advindas provavelmente de seus estudos, que lhe trazem ideias de dignidade e igualdade, ideias essas que são incompatíveis com a realidade vivida com os patrões e empregados na casa onde sua mãe trabalha.

Sendo assim, a filha de Val se senta na piscina, mesmo com a mãe pedindo que ela se mantenha distante e não entre, o que demonstra o uso de si para si, ou seja, ela afirma sua própria história e *corpo-si* contra a norma prescrita na casa dos patrões de sua mãe. Quando Jéssica come o sorvete "dos patrões", mais especificamente de Fabinho, é um exemplo do uso de si pelos outros, por ela se recusar em gerir as expectativas da subalternidade prevista para ela (como filha da empregada). E, no momento em que ela presta vestibular para Arquitetura em uma universidade pública, de difícil acesso e renomada, há também outro exemplo do uso

de si para os outros, visto que ela toma a decisão sobre o que é um trabalho bem feito, e que serve à coletividade (no caso em si, focando em sua própria ascensão social).

De tal modo, podemos perceber que o conflito central apresentado no filme não é de Val e seus patrões, mas sim entre Val e Jéssica. A chegada da filha na vida de Val força a empregada a reconhecer que sua *dramática do uso de si* estava sendo usado contra si mesma, em nome de uma promessa de futuro inalcançável, que a mantinha em condições precárias de vida.

A tensão atinge o ápice quando Val, ao tentar forçar sua filha a se submeter às regras dos patrões e da casa como um todo, percebe a violência da normatividade que ela mesma estava defendendo. O sofrimento de Val, manifestado em sua ansiedade e no conflito com Jéssica, pode ser encarado como a decisão de adoecer, ou seja, o último recurso para inscrever sua verdade (seu sintoma) em um sistema que o exclui. O choro da empregada, juntamente à sua incapacidade de conciliar a lealdade à patroa com o amor pela filha, exemplificam a manifestação da decisão impossível imposta pelo neoliberalismo: submeter-se à ordem estabelecida ou ser excluída.

O *plot twist,* ou seja, a virada inesperada, tanto na história, quanto na vida das personagens, ocorre quando Fabinho não alcança a pontuação mínima de aprovação e Jéssica, a filha da empregada, consegue uma pontuação de aprovação no vestibular. Na noite do recebimento desta notícia, Val *renormaliza* as normas do meio, e representa que a variabilidade emocional é inerente ao trabalhador e que impacta em seu trabalho. Num ato de uma possível rebeldia, entra na piscina e telefona para a filha com o objetivo de parabenizá-la e honrá-la. O baixíssimo nível de água da piscina, em atendimento à ordem da patroa para esvaziá-la devido a desculpa de que um rato entrou na água, não minimiza a representação da importância do rompimento que Val alcançou.

O clímax do filme ocorre na decisão de Val, que se manifesta em dois momentos cruciais. O primeiro deles quando há a ruptura com a normatividade, que é justamente quando Val se dá conta de que o sucesso de Jéssica no vestibular não a libertaria da subalternidade enquanto ela permanecesse na casa dos patrões. A partir disso, ela decide pedir demissão, rompendo com o discurso capitalista, isto é, quebrando o lado social da servidão, e não mais anular sua subjetividade em nome de uma performance.

O segundo momento representa a reconstrução do laço social, quando, na cena final, Val e Jéssica estão juntas em um novo apartamento. Val exercendo a maternidade plena, e Jéssica entrando na universidade. Além disso, a decisão de Val de se tornar uma massagista (já que Fabinho sempre elogiou suas massagens), mesmo sendo uma atividade precária, é uma escolha que a coloca como protagonista de sua própria vida, ou seja, *agente de sua própria atividade*, mobilizando seu *uso de si* em alinhamento com as normas de sua própria vida.

Essa decisão de Val sair de casa não se trata apenas de uma decisão pessoal, e sim um ato político revelador da crise do laço social. Com essa tomada de decisão, ela transforma a dramática dos usos de si em eficácia subjetiva e política, decidindo de fato sobre si, em oposição à lógica do capital.

5. Considerações Finais

A partir das discussões teóricas apresentadas neste artigo, analisamos a obra fílmica brasileira "Que Horas Ela Volta?" à luz de conceitos da Ergologia e da Teoria da Decisão, retomando questões do neoliberalismo junto a noções psicanalíticas. Com isso, notamos a jornada de Val, a personagem principal que migra do Nordeste para o Sudeste em busca de melhores oportunidades de vida, deixando sua filha para trás. Ela se torna uma espécie de governanta na casa de dona Bárbara, e cuida de todos da família de sua patroa, inclusive o filho dela. Ou seja, Val abre mão da criação de sua própria filha para criar o filho de seus patrões.

No entanto, mesmo distante, a personagem de Regina Casé sempre envia dinheiro para manter sua filha Jéssica, focando na educação dela.

Há um rompimento na trajetória de Val quando Jéssica decide ver a mãe após tantos anos e prestar vestibular em uma universidade renomada na capital. Jéssica, a partir da educação que teve, questiona a situação em que sua mãe se encontra, sendo subjugada por seus patrões, bem como sua invisibilidade naquela casa. A filha de Val não compreende e não aceita as regras preestabelecidas naquele contexto social, o que acaba por tirar dona Bárbara de sua zona de conforto, por meio de atitudes como comer o sorvete de Fabinho, entrar na piscina com ele e seus amigos, ou mesmo ao perceber as investidas sexuais do marido da patroa com a "filha da empregada". Todo esse encaminhamento, somado principalmente ao fato de Jéssica passar no vestibular enquanto Fabinho não, leva ao ápice dessa história, quando Val decide se demitir e tomar as rédeas de sua própria vida junto à filha, que deixou um filho pequeno em sua cidade natal e manteve em segredo da mãe.

Sendo assim, podemos notar que, apesar de ser uma obra de ficção, o filme "Que Horas Ela Volta?" reflete lógicas neoliberais reais e percebidas em nossa sociedade atual. Val assume seu valor, retirando-se do lugar subalterno que era colocada como empregada de Dona Bárbara, e bancando seu desejo de viver junto a Jéssica e, mais ainda, ajudá-la na criação de seu filho.

A presente análise fílmica alcançou seu objetivo ao desvelar a complexa dialética entre a coerção do regime neoliberal e a invenção singular do trabalho, conforme vivenciada por Val e Jéssica. A articulação teórica entre a Psicanálise de orientação lacaniana (Discurso Capitalista), a Ergologia (*Uso de Si* e *Renormalizações*), a crítica neoliberal (Dardot & Laval, 2016) e Teoria da Decisão, com seus vieses, permitiu transcender a mera descrição, situando a tomada de decisão das personagens na encruzilhada do laço social contemporâneo.

O estudo demonstrou que a decisão de Val em subordinar seu *corpo-si* à lógica do capital doméstico, adiando a sua atuação na maternidade e internalizando o custo da ausência como "responsabilidade coercitiva", é a expressão exata da matriz de governamentalidade neoliberal. Nesse regime, o sujeito é instado a se comportar como "uma empresa", e o trabalho precário e exploratório é transvestido na ilusão de liberdade de escolha e mérito individual. Essa performance todo o tempo colide com a finitude humana, culminando na manifestação de seu sofrimento e em sintomas, como ansiedade e choro, como um sintoma social da inviabilidade de *renormalização* saudável (Safatle et al., 2021; Schwartz, 2011).

O ato ético de Val se concretiza com a decisão de pedir demissão. Essa decisão transcende o nível individual, representando uma ruptura política com o laço social da servidão. Ao sair da casa e escolher o trabalho de massagista, por meio da mobilização de um uso de si que lhe confere agência e protagonismo sobre sua própria atividade, Val rejeita a lógica do capital que a aprisionava e inaugura a reconstrução de seu laço social, agora alinhado às suas normas de vida e à maternidade plena.

Conclui-se que o filme "Que Horas Ela Volta?" é um exemplo em potencial que ilustra como a *dramática do uso de si* se torna a última barricada ética do sujeito contra a norma neoliberal. O rompimento de Val com a subalternidade, impulsionado pela transgressão de Jéssica, reafirma que a decisão ética no trabalho precário passa necessariamente pelo reconhecimento do próprio corpo-si e pela contestação das normas antecedentes que o exploram. O desafio, agora, é analisar como essa eficácia subjetiva pode ser transmutada em eficácia política coletiva para transformar as condições estruturais de alguns subempregos no Brasil e em outros países.

Outro fator que cabe ressaltar é como a educação pode libertar as pessoas, conferindo-lhes perspectivas consideradas impensadas anteriormente. Talvez, se Jéssica não tivesse as oportunidades que teve graças ao dinheiro enviado por sua mãe, ela não vislumbraria as discrepâncias de tratamento que havia na casa dos patrões de sua mãe e não chegaria a lhe conferir uma saída daquele contexto, tanto em nível de consciência, quanto em nível de suporte.

REFERÊNCIAS

AUMONT, J.; MARIE, M. **L' analyse dês films**. Paris: Nathan, 1988.

BÁRTOLI, H. **L'économie, service de la vie**. Grenoble: PUG, 1996.

BOURDIEU, P.. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2011.

CHARAUDEAU, P. Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem. In: MARI, H.; MACHADO, I.; MELLO, R. (orgs.). **Análise do Discurso:** Fundamentos e Práticas. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001, p. 23-38.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

GOMES JÚNIOR, A. B. **O uso de si e o saber fazer com o sintoma no trabalho**. 2014. Tese (Doutorado em Educação e Filosofia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A.. **Prospect Theory:** An Analysis of Decision under Risk. Econometrica, 1979.

KAHNEMAN, D. **Rápido e devagar:** duas formas de pensar. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LACAN, J. **O seminário, livro 17:** o avesso da psicanálise [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LAURENT, E. A sociedade do sintoma. In: LAURENT, Éric. **A sociedade do sintoma:** a psicanálise, hoje. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007. p.163-177.

LERNER, M. J. (1980). A crença em um mundo justo: uma ilusão fundamental . Perspectivas em psicologia social. Nova York: Plenum Press. doi : 10.1007/978-1-4899-0448-5 . ISBN 978-0-306-40495-5.

LIEBSCHER, P. **Quantity with quality?** Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. Library Trends, USA, v. 46, n. 4, 1998.

MELLO, S. C. B.; MARÇAL, M. C. C; FONSECA, F. R. B. Os Sentidos do Trabalho Precarizado na Metropolis: fato e ficção! **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 49, 2009. p.307-323.

SAFATLE, SILVA JUNIOR, DUNKER (Orgs.) **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: autêntica, 2021.

SCHWARTZ, Y.. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 19-45, 2011.

SIMON, H. A. **Comportamento administrativo:** estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas. Tradução de Aluízio Loureiro Pinto. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1979.

SIMON, H. A. **Administrative Behavior:** a study of decision-making processes in administrative organizations. 4. ed. New York: Free Press, 1997.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. **Trabalho e ergologia:** conversas sobre a atividade humana. Niterói: EdUFF, 2007.

SCHWARTZ, Y. **A linguagem do trabalho.** In: FIGUEIREDO, M. et al. (Org.). Labirintos do trabalho: interdisciplinaridade e olhares sobre o trabalho contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SOLER, C. O discurso capitalista. In: **A psicanálise na civilização.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

ZUBOFF, S.. **A era do capitalismo de vigilância:** a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.